

A PRESENÇA UNIVERSITÁRIA NAS PRAÇAS DA GENTILÂNDIA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE SEUS FREQUENTADORES

DIEGO MATOS MENEZES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

MARLYSANDRA MACHADO DIAS

PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA UECE

ANTONIO GUILHERME DE SOUZA LEANDRO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

ANA CRISTINA BATISTA DOS SANTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

Agradecimento à orgão de fomento:

Registram-se agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo apoio à realização desta pesquisa.

A PRESENÇA UNIVERSITÁRIA NAS PRAÇAS DA GENTILÂNDIA: PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE SEUS FREQUENTADORES

1 INTRODUÇÃO

O espaço público, por reunir sujeitos diversos com suas singularidades, suscita reflexões acerca das práticas que abriga e de suas conexões com aspectos como o tempo, a memória histórica e a construção do espaço (Lacerda; Santos, 2019). As praças, enquanto espaços públicos, possuem características próprias, conforme sua localização e de acordo com as práticas socioespaciais ali realizadas (Silva; Elali, 2024).

Em se tratando dos casos de praças localizadas nas vizinhanças de universidades, a dinâmica desses espaços pode ser mais complexa, uma vez que existe o fluxo de alunos, moradores do entorno, professores e trabalhadores. Nisso, torna-se relevante investigar como a universidade se insere no cotidiano de praças públicas e como essa presença é percebida pelos usuários do espaço, contribuindo, assim, para a compreensão mais ampla da interface entre educação superior, urbanidade e vida social.

Este estudo busca se aprofundar nessa temática, traçando um olhar mais centrado no contexto das Praças da Gentilândia: praça João Gentil e Praça José Gentil Alves de Carvalho, popularmente conhecida como Pracinha da Gentilândia. Essas praças, localizadas no bairro Benfica, na cidade de Fortaleza/CE, chamam a atenção por estarem situadas no entorno de três campi de universidades públicas: a Universidade Federal do Ceará (UFC), o Instituto Federal do Ceará (IFCE) e a Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O bairro Benfica canaliza grande parte de suas manifestações históricas e culturais nessas praças, reconhecidamente ambientes que se destacam pela efervescência cultural e pelas intensas interações sociais, sobretudo pelo fato de serem frequentadas por uma diversidade de públicos: estudantes, artistas, moradores da vizinhança, ambulantes, entre outros (Pereira; De Oliveira, 2009). No entanto, percebe-se uma escassez de trabalhos relacionados à percepção de frequentadores de praças e moradores de bairros com forte influência de ambientes universitários, revelando a relevância de um estudo sobre as questões mencionadas.

Diante do exposto, o presente estudo apresenta como problema de pesquisa a seguinte questão: como frequentadores de praças públicas situadas no entorno de universidades percebem e vivenciam a presença universitária na dinâmica social e cultural do espaço? Tem-se, portanto, como objetivo principal compreender como frequentadores de praças públicas situadas no entorno de universidades percebem e vivenciam a presença universitária na dinâmica social e cultural do espaço. De maneira mais específica, para atingir esse fim, o estudo visa primeiramente caracterizar o perfil dos frequentadores das Praças da Gentilândia, a fim de compreender melhor o público que costuma fazer uso desse espaço público. Busca-se, também, identificar as percepções dessas pessoas acerca da presença universitária no cotidiano da praça. Finalmente, a pesquisa objetiva descrever a vivência dos frequentadores nas atividades sociais e culturais realizadas nesse espaço, aprofundando a análise sobre essas questões.

A pesquisa utilizou uma análise qualitativa, buscando desvendar os sentidos, as interpretações e o cotidiano dos indivíduos no contexto examinado. Para coletar as informações, foi utilizado o método de entrevistas semiestruturadas e observação não-participante, possibilitando explorar os relacionamentos e o cotidiano no ambiente em estudo. Os instrumentos de coleta incluíram um roteiro de entrevista, um protocolo de observação e um diário de campo. Na análise dos dados, foi adotada a análise temática de conteúdo (Minayo, 2014), buscando identificar padrões nas declarações e nas anotações.

O presente estudo contribui para a compreensão aprofundada das praças públicas como espaços sociais multifuncionais e simbólicos, destacando a influência das universidades no entorno das praças. Além disso, os resultados advindos deste trabalho podem amparar a tomada

de decisão, por parte de gestores governamentais, no que concerne à importância de considerar as dimensões humanas e sociais nas políticas públicas voltadas para a melhoria e apropriação democrática desses espaços públicos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Praças como espaços públicos: conceitos, funções sociais e dimensões simbólicas

As praças públicas, segundo Lefebvre (2010), conservam desde a Grécia antiga uma característica em comum com as Ágoras e os Fóruns, que é o de ser um espaço vazio destinado à reunião de pessoas. Elas desempenham papel central nas interações sociais, bem como nas manifestações culturais e políticas das cidades (Lamas, 1993; Benevolo, 2019).

Com o avanço do século XX e a influência do Modernismo, as praças passaram a incorporar elementos destinados ao esporte, à cultura e ao lazer. Na atualidade, essas áreas adquiriram caráter multifuncional, abrigando diversas atividades urbanas, o que evidencia as contradições e a complexidade das dinâmicas sociais contemporâneas (De Sousa; Mello; Silva, 2022). Com o passar do tempo, cada praça desenvolve uma identidade própria, configurada pelas formas de apropriação coletiva e pelas representações sociais que se formam em torno dela (Coradini, 1995; Vaz, 2010).

As praças também funcionam como ambientes simbólicos de produção cultural, onde se expressam os valores estéticos e artísticos de cada época. Silva (2007) destaca o papel desses espaços como palco de celebrações, manifestações e trocas simbólicas que marcam a vida urbana.

Ainda nesse sentido, é importante destacar que as praças, enquanto espaços públicos singulares no meio urbano, são frequentadas por diversos grupos, com suas particularidades e necessidades (Silva; Elali, 2024). Isso possibilita o uso de espaços de diversas maneiras, tais como convívio social, lazer, contemplação e até mesmo a realização de comércio de produtos e serviços, podendo culminar na apropriação informal (Robba; Macedo, 2003).

Para Silva e Elali (2024), os espaços e ambientes, como é o caso das praças, são uma construção social e carregam significados subjetivos, refletindo as experiências de seus frequentadores, de modo que diferentes grupos sociais podem atribuir significados diversos a esses lugares. Pereira (2009) corrobora com essa ideia, pontuando que a dimensão simbólico-afetiva do lugar vem acompanhada de uma dimensão política e de sentimentos de pertencimento e propriedade, além do fato de que a identidade de lugar é formada pelas relações entre as pessoas, juntamente com os vínculos do indivíduo com o ambiente.

Tais espaços favorecem a integração entre diferentes grupos sociais, promovendo o convívio intergeracional e a construção de vínculos comunitários, podendo haver territorialidades diversificadas em um mesmo local. Assim, a percepção sobre esses espaços e a definição de um ponto de vista sobre eles podem impactar nas ações que serão tomadas pelos frequentadores (Ecker, 2020; Frenzel, Roso e Galli, 2020; Morigi, 2020).

A diversidade de públicos e usos do espaço público pode acarretar conflitos (Santana *et al.*, 2022). Nessa seara, cabe mencionar a violência e a falta de segurança como aspectos que compõem esse cenário conflituoso, desincentivando as pessoas a frequentar as praças (De Sousa; Mello; Silva, 2022). Oliveira *et al.* (2019) corroboram com essa ideia ao tratar da sensação de insegurança como um ponto fraco das praças na visão dos entrevistados de sua pesquisa, elencando também a falta de presença policial e iluminação, a presença de moradores de rua, de usuários de drogas e o vandalismo.

Diante disso, pode-se dizer que as praças, como espaços públicos, acolhem múltiplas dimensões da vida social, política e econômica. Ao reconhecer seu potencial sociocultural, valorizar esses espaços significa promover experiências urbanas significativas e fortalecer os laços entre a população e a cidade (Ipiranga *et al.*, 2006; Ipiranga, 2010; Da Silva; Lacay;

Gândara, 2018). Entender a articulação entre cidade, lazer e cidadania é essencial para afirmar o direito coletivo ao uso do espaço público (Santana *et al.*, 2022).

2.2 Gentilândia e Benfica: Território, Identidade e Disputas Simbólicas

O bairro Benfica se apresenta como espaço ímpar na cidade de Fortaleza. Segundo Viana (2009), localizado na região central de Fortaleza, margeado por extensas e largas avenidas, é também privilegiado pela arborização, com várias mangueiras e árvores frondosas que já sombrearam, em tempos idos, chácaras e bangalôs de políticos, profissionais liberais e comerciantes de destaque.

Esse mesmo ambiente passou, ao longo dos anos, por diversas mudanças na paisagem, sobretudo depois da instalação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Conservando características de sociabilidade, como pessoas que se sentam nas calçadas e conversam com os vizinhos, Pereira (2009) destaca que o Benfica é um cenário tradicional de manifestações políticas, abrigando sedes de partidos importantes, bem como representações culturais, tais como o Museu de Arte Moderna da UFC, o Teatro Chico Anysio, o Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e a Rádio Universitária, conforme complementa Alves (2017). Do ponto de vista histórico, o Benfica recebeu esse nome, segundo Viana (2009), como homenagem prestada pelos primeiros moradores portugueses a um antigo bairro de Lisboa. Para Pereira (2009), o Benfica é um bairro com outra característica peculiar: sua dualidade toponímica com a denominação Gentilândia:

O Benfica como espaço vivido é repleto de disputas e acordos a fim de produzir uma identificação que, se para o restante da cidade parece una e inquestionável, internamente produz áreas consideradas como de maior e menor valor cultural e simbólico. É a mitografia da distinção que se enfatizará aqui com a Gentilândia. (Pereira, 2009, p. 52)

Pereira (2009) ainda explica que, para os moradores mais antigos do bairro, que constituem o gentílico “gentilandino”, enquanto o Benfica seria o bairro oficial, Gentilândia seria “a parte boa do bairro”, cuja identidade é construída pelo ethos da memória e das vivências entre a vizinhança, que se arrastam desde a década de 1930. Destaca-se um forte senso de pertencimento, evidenciado por elementos como a Confraria Gentilândia e o Memorial Gentilândia, instituições criadas e mantidas por antigos moradores para a continuidade desse processo. Viana (2009), inclusive, concorda com essa subdivisão entre Benfica e Gentilândia, na medida em que, em perspectiva histórica, após a Segunda Guerra Mundial, os limites do bairro passaram a se estender entre o Prado e a antiga Gentilândia, outrora Vila Gentil, que fora propriedade de uma influente família de Fortaleza, a família Gentil.

Neste contexto de simbolismo e representatividade, o bairro tem como um de seus expoentes as Praças da Gentilândia: a Praça João Gentil e a Praça José Gentil Alves de Carvalho, popularmente conhecida como Pracinha da Gentilândia. Para Pereira (2009), essa mudança de nome da última de uma homenagem ao antigo dono dos terrenos da região para o nome popularmente adotado representa uma manifestação do poder simbólico da identidade local. Conforme Holanda (2015), essa manifestação de identidade do lugar é constituída por múltiplos e opostos elementos.

Na Praça da Gentilândia, os feirantes se misturam com os moradores das elitizadas ruas adjacentes, os frequentadores do estádio Presidente Vargas, os clientes das barraquinhas de comidas típicas e atípicas, e um público LGBTQIA+ diverso sendo essas praças um espaço já tradicional para esse público, conforme também confirma Pereira (2009), além, claro, do público universitário.

Em relação a essa influência, Holanda (2015) categoriza o Benfica como um tradicional bairro universitário. Viana (2009) lembra que a Gentilândia abriga boa parte dos 13 hectares do

campus da Universidade Federal do Ceará, que, segundo Costa (2007), categoriza a região como um espaço de educação, diferenciando-a de outros espaços da cidade de Fortaleza.

Holanda (2015) ainda afirma que, para além da movimentação dos bares e restaurantes da região e dessa interação entre os públicos tradicional e jovem, a rebeldia e a capacidade de articulação dos estudantes universitários de diferentes gerações também marcaram o imaginário popular, de que as Praças da Gentilândia são notadamente o expoente simbólico de um “bairro universitário”.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de compreender como frequentadores de praças públicas situadas no entorno de universidades percebem e vivenciam a presença universitária na dinâmica social e cultural do espaço, a presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de natureza exploratório-descritiva. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela intenção de retratar um nível de realidade que não pode ser quantificado, através da análise de um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (Minayo, 2001).

Os participantes da pesquisa foram selecionados buscando contemplar diferentes perfis de frequentadores da praça, considerando critérios como frequência de uso do espaço, idades e gêneros diferentes, bem como a disposição em compartilhar suas percepções e vivências. A definição do tamanho da amostra ocorreu por saturação empírica, interrompendo-se a coleta de dados quando se observou a recorrência e a repetição de informações obtidas, sem que dados novos fossem obtidos (Saunders *et al.*, 2018).

Os dados foram coletados mediante entrevistas semiestruturadas (com roteiro contendo caracterização socioeconômica e questões abertas sobre uso, memórias e percepções) e observações não participantes (registradas via protocolo e diário de campo). A pesquisa considerou as duas praças adjacentes da Gentilândia – percebidas pela comunidade como um único espaço, conforme estabelecido no escopo do estudo.

Entre os temas abordados nas entrevistas, destacam-se: os principais motivos que levam os frequentadores à praça; lembranças positivas e negativas associadas ao espaço; percepção e participação em atividades culturais, artísticas e sociais; distinções percebidas entre as Praças da Gentilândia e outras praças públicas; diversidade de públicos; e influência da proximidade com instituições universitárias. O áudio das entrevistas foi gravado, mediante consentimento dos entrevistados, para posterior transcrição e análise. No total, foram realizadas 7 entrevistas, totalizando 173 minutos e 43 segundos. O quadro 1 ilustra o perfil dos entrevistados.

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Entrevistado	Gênero	Idade	Profissão
Entrevistado 1	Masculino	34 anos	Programador
Entrevistado 2	Masculino	29 anos	Analista de dados
Entrevistada 3	Feminino	59 anos	Pedagoga
Entrevistado 4	Masculino	29 anos	Engenheiro
Entrevistada 5	Feminino	29 anos	Professora
Entrevistado 6	Masculino	22 anos	Estudante
Entrevistado 7	Masculino	35 anos	Advogado

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A observação não-participante, por sua vez, envolveu a presença dos 3 pesquisadores no ambiente da praça durante uma semana, em horários diferentes, com cada visita tendo duração média de 90 minutos. Foram realizados registros sistemáticos das atividades e interações que ali ocorreram. Já o protocolo de observação tratou categorias predefinidas para o registro das observações, tipos de atividades, interações sociais e uso do espaço, mantendo-se flexível para registrar eventos e aspectos não previstos que se revelaram relevantes. O diário de campo serviu como espaço para registrar as observações, as reflexões dos pesquisadores sobre aspectos significativos. O conteúdo obtido na observação foi devidamente documentado também por meio de registros fotográficos.

Conforme relatado, os dados provenientes de entrevistas, observações e registros fotográficos foram submetidos à triangulação neste estudo. Como destacado por Abdalla *et al.* (2018), essa triangulação de dados, por meio da combinação de entrevistas, observação e registros fotográficos, assegura maior rigor metodológico, permitindo a validação cruzada das informações e a ampliação da profundidade analítica.

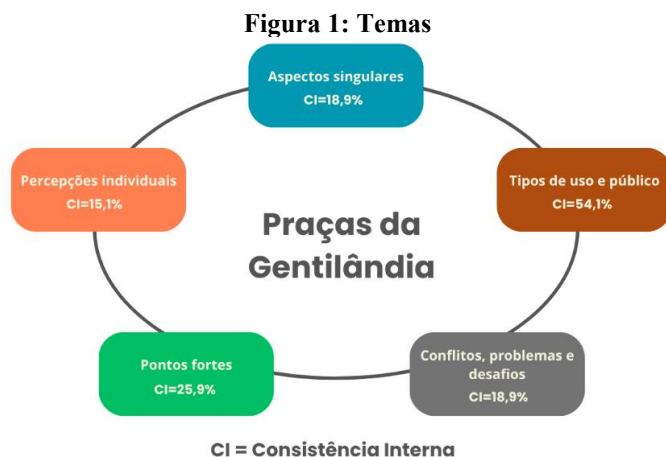
Seguindo os passos propostos por Minayo (2014), realizou-se a análise temática, identificando unidades temáticas a partir das convergências e divergências dos discursos. Foi utilizado, para codificação e categorização dos dados, o software Atlas TI versão 9. Buscou-se, de forma exploratória, identificar padrões recorrentes nas falas dos entrevistados, no intuito de compreender as diferentes percepções e vivências dos entrevistados.

A validação dos dados ocorreu em duas fases. Na primeira, realizou-se validação entre pares por meio de categorização cruzada dos códigos, conduzida por dois grupos independentes de pesquisadores, seguida de discussão para consolidação temática convergente. Na segunda fase, procedeu-se a duas rodadas de análise: inicialmente avaliou-se a representatividade (mínimo de 60%) e consistência interna (mínimo de 15%) dos temas; posteriormente, reexaminaram-se os temas que não atenderam aos critérios, mediante reorganização de códigos ou retorno às transcrições para nova codificação, garantindo assim a adequação aos padrões estabelecidos.

Em relação aos aspectos éticos, todos os participantes foram devidamente informados sobre a garantia de anonimato e confidencialidade de suas informações, e puderam esclarecer dúvidas e consentir livremente em participar da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante a análise temática das entrevistas, cinco temas surgiram e foram categorizados, conforme ilustra a Figura 1: percepções individuais; tipos de uso e público; conflitos, problemas e desafios; aspectos singulares; e pontos fortes. Os temas serão discutidos nesta seção.



Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A representatividade (percentual de entrevistas em que o tema está presente) foi de 100% para todos os temas identificados. Já a consistência interna (número de unidades de contexto de determinado tema dividido pelo total de unidades de contexto da categorização completa) está descrita para cada tema, conforme a figura 1.

4.1 Tipos de Uso e Público

Os entrevistados apontam que há uma grande diversidade de públicos nas Praças da Gentilândia, como há em praticamente todos os espaços públicos urbanos, especificamente nas praças, em consonância com Silva e Elali (2024), que afirmam que, no ambiente urbano, as praças reúnem pessoas de diferentes idades, funcionando como espaços de encontro. Isso pode ser visto em um dos registros feitos no momento das observações e exemplificado na Figura 2:

Figura 2: Interações na praça da gentilândia durante a Feira Negra



Fonte: dados da pesquisa, registrados pelos autores (2025).

No entanto, o que diferencia essa praça, segundo a entrevistada 5, é a presença predominante de jovens estudantes oriundos das instituições de ensino localizadas em seu entorno. Essa percepção das universidades é reforçada pelo entrevistado 4, que amplia o entendimento sobre a diversidade de perfis presentes na praça e metáforiza essa diversidade como “tribos”:

[...] acho que na grande maioria dos frequentadores da Gentilândia são os jovens que estudam ali nas redondezas, né? CH, I, II, III, a FEAC, tem também o IFCE, algumas escolas ali públicas e privadas, mas eu vejo mais das escolas públicas, como, por exemplo, a Adauto Bezerra, o Juárez Távora. Então, eu observo que, assim, 80%, 90% do público que frequenta ali são jovens universitários (Entrevistado 5).

As universidades, elas trazem muitas pessoas para aquela região, né? Principalmente porque tem IFCE, UFC e a UECE por perto, né? Aí tem muita gente, né? De todas as idades para aquela região. Todas as idades, todas as tribos, né? Então, acaba sendo uma região bem mista, né? Por assim dizer (Entrevistado 4).

Além dos estudantes que, conforme relatado e observado, representam o principal grupo que utiliza o espaço, também são identificados outros perfis que frequentam a praça com finalidades distintas. A entrevistada 3 destaca essa diversidade e associa os diferentes públicos às múltiplas formas de uso do espaço:

É, tem... o pessoal de mais idade, né? Que que ficam caminhando atrás de fazer seus exercícios físicos, né? E tem um outro público que são os atletas, que vão pra essa

quadra [...] E em cantos mais reservados, assim, a gente vê um público bem diferente, aquele pessoal, como se fossem universitários, né, assim... mais rebelde, no que eu quero dizer, estilo de se vestir, assim, não estranho... diferentes, né? os cabelos grandes, aquele estilo hippie. Fumando, bebendo, o pessoal mais largado, né? [...]Você não vê confusão. Apenas você vê... É assim, eu posso, não devo falar, mas é um pessoal estranho, estranho, mas que, na verdade, o certo é dizer pessoas diferentes, né? Um estilo diferente, o estilo de se vestir, a aparência diferente. Que, por mim, tudo bem. Acho que tem vários tipos de público mesmo (Entrevistado 3).

A fala da entrevistada 3 evidencia a diversidade de grupos sociais presentes na Praça da Gentilândia e os diferentes modos de ocupação do espaço. Embora carregada de impressões subjetivas, a fala revela uma convivência entre públicos variados, como idosos, atletas, estudantes e grupos com estilos alternativos que compartilham a praça sem conflitos aparentes. Dessa forma, Silva (2007) corrobora que a praça se destaca como um espaço privilegiado de integração entre diferentes grupos sociais, funcionando como cenário das manifestações culturais e dos costumes característicos de determinada época.

Tendo em vista isso, essa percepção foi confirmada pela observação realizada, na qual foi possível constatar a presença marcante de jovens, especialmente estudantes, além de pessoas mais velhas praticando atividades físicas e grupos com expressões identitárias distintas ocupando áreas específicas da praça. Essa variedade de usos e perfis reforça o caráter multifuncional e democrático do espaço, reafirmando seu papel como território de sociabilidade, lazer e construção simbólica na vida urbana.

4.2 Percepções individuais

As percepções individuais dos frequentadores sobre as praças da Gentilândia revelam uma diversidade de sentimentos e significados atribuídos a esses espaços, que são vivenciados por meio de relações de carinho, pertencimento afetivo e histórico.

A sensação de liberdade é algo que se associa ao ambiente das Praças da Gentilândia, conforme pode-se notar pela fala da entrevistada 5: *“Então, eu vejo que é uma região, como eu disse, que me passa essa noção de liberdade. Que eu vejo que as pessoas se manifestam ali de diversas formas”*. Essa percepção de liberdade não se restringe apenas ao aspecto físico do espaço, mas envolve também a liberdade de expressão, de comportamento e de convivência, reforçando a ideia das praças como territórios de pluralidade social e cultural.

Alguns dos entrevistados fazem menção a esses espaços como sendo ambientes simples e acolhedores. O entrevistado 2 traz essa questão à tona ao mencionar o uso de cadeiras e mesas de plástico pelos estabelecimentos das praças: *“[...] falando especificamente da Praça Gentilândia, essa questão da cadeira de plástico, das mesas de plástico... Faz tornar um ambiente muito acolhedor assim sabe”*. Já para o entrevistado 6, a simplicidade presente nas praças remete à felicidade: *“Então, é um ambiente bom. E muito cheio, sempre [...] Mas, eu gosto muito. Muito simplório, mas... As coisas simples que trazem realmente as coisas boas, A felicidade, não é?”*. A informalidade e a ausência de sofisticação dos equipamentos urbanos são interpretadas positivamente pelos frequentadores, sendo vistas como elementos que favorecem a proximidade e a sensação de pertencimento ao espaço.

Outro ponto que é enfatizado nas percepções individuais é a sensação de tranquilidade e conforto que as praças trazem. O entrevistado 2 destaca isso: *“A cerveja barata também e um entorno que dava para a gente uma certa tranquilidade ali. Enfim, deixava a gente confortável, à vontade”*. As praças são percebidas como ambientes que favorecem conversas agradáveis, coadunando com o que destacam Robba e Macedo (2003). Isso fica mais evidente na fala do entrevistado 6: *“Olha, eu gosto muito de conversar, então [...] todo momento assim de conversa e tal, assim, é muito bom”*.

Além disso, alguns frequentadores, como a entrevistada 3, veem esses espaços como locais de contemplação: *“E assim, eu gosto também, às vezes, de ficar sentada. Só mesmo é... curtindo uma tardinha, para eu ver os movimentos, né? [...] Gosto de ver os estudantes que vão ficando por ali”*. Já para o entrevistado 7, a praça é viva e possui identidade: *“a praça Gentilândia, eu entendo ela como uma praça mais plural, mais viva também, talvez, com mais identidade”*.

Importa também destacar a dimensão histórico-afetiva que os frequentadores estabelecem com as praças, fator que corrobora a construção de significados subjetivos, tal como evidenciado por Silva e Elali (2024). A fala do entrevistado 1 ajuda a elucidar esse ponto: *“Meus pais se conheceram por aquela região [...]. Meu pai morou quando veio do interior, também, na residência universitária [...] O Benfica tá na minha história antes mesmo de eu nascer.”* Ademais, a praça da gentilândia é um ambiente lembrado com carinho por alguns de seus frequentadores, como é o caso do entrevistado 2: *“Eu tive a oportunidade, né, o privilégio de participar bastante ali daquele entorno e pensar na gentilândia pra mim é sempre pensar algo com muito carinho, né”*.

Há que se destacar as ponderações feitas acerca de elementos da região que remetem os entrevistados à atmosfera de cidades do interior, como arquitetura de casas, muros baixos e jardins. É o que fala a entrevistada 3: *“[...] ele me traz lembranças do meu interior, né? Exatamente por conta dessa praça, por conta da arquitetura das casas, casas com aqueles murinhos baixos, com aqueles jardins que dá para você ver a rua”*. A mesma entrevistada ainda relata que a presença do público jovem e universitário nas praças faz com que ela mesma se sinta jovem: *“E eu me sinto assim, jovem, quando eu passo perto desses universitários [...] Às vezes eu vou passando e vejo os universitários conversando, pessoal bem jovem, bem, cheio de esperança. [...] Eu me sinto jovem também”*.

Ainda que a maioria das percepções seja positiva, há menções a aspectos negativos. O entrevistado 2 relata ter presenciado um tiroteio na praça, episódio que, apesar da gravidade, foi narrado de forma leve e com certo distanciamento emocional, o que aponta para um menor peso atribuído aos eventos negativos na memória coletiva:

Teve um momento que não foi tão legal. também, mas que, pelo peso, a gente acabou levando na brincadeira, né? Que foi um... Teve um dia que houve um tiroteio [...] E aí, quando começou o barulho de tiro, todo mundo começou a sair correndo ao mesmo tempo. E a gente tipo, putz, vamos... Vamos sair, vamos sair. E aí todo mundo foi correndo, também. E aí é como eu falei, né? Eu não levo o peso do momento, né? Porque a gente tava, tipo, gargalhando, correndo. Tava animado, ali, levando na brincadeira e tudo. Depois, a gente viu nos noticiários que houveram óbitos ali no... naquele dia.

É importante notar como, mesmo em situações adversas, as praças se configuram como um espaço onde a comunidade atua para mitigar impactos. Nessa seara, a entrevistada 3 descreve a experiência em que, apesar de sofrer um pequeno acidente, a solidariedade local transformou um momento de susto em uma memória de gratidão:

Eu ia para a missa [...] E aí eu tropecei numa calçada... E levei uma grande queda [...] E dois senhores que estavam exatamente caminhando na pracinha correram para me levantar depois que eu sofri essa queda. [...] eu fiquei amiga desse casal, inclusive quando eu vou sempre à missa, se eles estiverem caminhando, eu paro pra falar com eles. Então foi uma coisa, não foi tão boa. Mas ficou a recordação da gratidão que eu tenho por esse casal

Esse episódio reforça o papel das praças como espaços de cuidado coletivo, onde as relações de vizinhança e apoio entre desconhecidos podem emergir de forma espontânea, fortalecendo os laços de solidariedade e comunidade no bairro.

4.3 Conflitos, problemas e desafios

Na concepção dos entrevistados, os principais conflitos vivenciados na praça estavam associados, sobretudo, à presença de estabelecimentos como bares. A exemplo disso o entrevistado 1 comenta: *“Os bares cresciam, juntavam muita gente, gente desorganizada, e acabava virando um problema. Mas eu acho que diminuiu um pouco agora. Acho que o problema agora mesmo são as casas de show. lá, os bares fazendo muito barulho.”*

Já o entrevistado 2 também menciona os bares, mas com ênfase em mudanças no padrão de funcionamento:

[...] até porque alguns bares aqui na região optaram por serem locais fechados para evitar essas coisas. Porque antes era na calçada, qualquer pessoa poderia vir e isso ficava a mercê dessas coisas. Em grande parte, pode ser isso. Tanto os bares se fecharem, fecharem o ambiente por completo, como também a diminuição dessas pessoas frequentando o ambiente (Entrevistado 2).

Assim, a partir da observação direta no local, foi possível constatar que os estabelecimentos citados realmente passaram por transformações em sua estrutura, com fechamento parcial ou total dos ambientes. Essa mudança parece ter contribuído para o aumento da sensação de segurança e para a diminuição da presença de públicos considerados “problemáticos” pelos frequentadores.

Apesar das mudanças percebidas pelos entrevistados em relação aos bares e à segurança, o entrevistado 2 destaca um problema persistente na praça: o uso e a facilitação do acesso a drogas ilícitas. Ele afirma: *“A questão mesmo da venda de drogas, que é muito facilitada. Aquela região, pessoas. Eu conheço pessoas que iam para a Gentilândia para comprar drogas e assim conseguiam com facilidade. É público-alvo, né?”*

Essa percepção é reforçada pela fala da entrevistada 3, que compartilha a sensação de insegurança ao transitar pela área:

Pois então, às vezes a gente passa por ali e a gente... Vê muito são as pessoas, assim, que eu posso chamar de... estranhas, né, como se fosse... Não é bem morador de rua, mas assim, como se fosse, assim, tivessem usando alguma coisa, como se fosse assim... fumando uns cigarros estranhos, a gente vê essas pessoas e causa medo, né? (Entrevistada 3)

Com isso, Santana *et al.* (2019) revelam que essas ações e relações de apropriação no contexto dos espaços públicos por seus frequentadores nem sempre ocorrem de maneira harmoniosa, podendo acarretar conflitos, haja vista a diversidade de interesses e usos. Oliveira *et al.* (2019) corroboram com essa ideia ao tratar da sensação de insegurança como um ponto fraco das praças na visão dos entrevistados de sua pesquisa, elencando também a falta de presença policial e iluminação, a presença de moradores de rua, de usuários de drogas e o vandalismo. As falas revelam um imaginário social vinculado à presença de sujeitos considerados desviantes ou ameaçadores no espaço público, que reforçam a associação da praça com práticas ilegais e insegurança. Na observação realizada, também foi possível identificar a presença de indivíduos fazendo uso de substâncias ilícitas em determinados trechos da praça, o que confirma parcialmente a percepção apontada pelos entrevistados.

A questão da violência também apareceu nos relatos como um fator que, em certos momentos, comprometeu o uso da praça. Assim, cabe mencionar a violência e a falta de segurança como aspectos que compõem esse cenário conflituoso, desincentivando as pessoas a frequentar as praças (De Sousa; Mello; Silva, 2022). O entrevistado 2 comenta que, apesar de nutrir uma relação afetiva com o espaço, houve situações em que a insegurança impôs limites ao usufruto do local:

Lógico que teve momentos de não tão tranquilidade assim, né, teve momentos em que a gente foi lá e que aí a insegurança da capital acabou prevalecendo. E aí fazendo com que a gente saísse ali de forma forçada, mas hoje em dia, isso não tirou o carinho, né, a admiração que a gente tem pelo local e pelas visitas que a gente fez, pré-carnavais e, enfim, vários momentos de lazer que aquela praça ali pôde proporcionar pra gente (Entrevistado 2).

A fala revela a ambivalência típica de muitos espaços públicos urbanos que mesmo marcados por episódios de violência, eles permanecem como lugares de pertencimento e memória afetiva como é o caso da Praça da Gentilândia. O vínculo simbólico construído por meio de experiências de lazer e convivência coletiva sobrepõe, em parte, os momentos de insegurança vividos no local.

Por fim, a fala do entrevistado 7 traz uma reflexão abrangente sobre os desafios enfrentados pela Praça da Gentilândia, mas também sobre a condição dos espaços públicos de maneira geral. Ele destaca:

Acho importante só fazer uma ressalva em relação à questão dessa pergunta, porque a praça sim, obviamente precisa melhorar, e a gente tá falando da Praça da Gentilândia. Mas é sempre importante destacar que não é uma particularidade da praça ela ter que melhorar. Infelizmente, os espaços públicos, principalmente na nossa cidade, são muitas vezes abandonados. [...] cuidar da praça também é cuidar dessas pessoas (Entrevistado 7).

O entrevistado ressalta que melhorar a praça não se resume apenas a ações físicas, mas envolve também o cuidado com quem a frequenta e, sobretudo, com aqueles que nela vivem. Esse olhar integrado propõe que ações voltadas para o espaço público devem considerar não apenas a estrutura física, mas também a dimensão humana e social que o compõe. Ao final, o entrevistado 7 amplia ainda mais sua análise:

É difícil você conseguir melhorar um espaço público e tornar essa melhoria definitiva, constante, sem você melhorar o entorno do espaço público, como um todo. [...] Se for melhorar a praça, mas se a sociedade não é melhorada, não há como ter resultado (Entrevistado 7).

Essa fala evidencia um entendimento sistêmico do entrevistado com a concepção de espaço público, onde ele associa que a qualidade de um espaço público está diretamente vinculada à qualidade das relações sociais e da consciência coletiva ao seu redor.

4.4 Pontos Fortes

Os entrevistados pontuaram diversos aspectos como pontos fortes das praças. Dentre esses aspectos, destaca-se como recorrente os preços acessíveis, fator decisivo para a escolha da praça como local de lazer, principalmente entre os jovens universitários. Muitos relatos mencionam a facilidade de encontrar alimentos e bebidas com valores que se encaixam na realidade financeira dos estudantes. Além disso, o entrevistado 4 comenta: “[...] Então, acaba também sendo um atrativo. Não só a proximidade das universidades, quanto também os preços atrativos. As facilidades de ter tudo ali perto, né?”. O baixo custo das opções de lazer oferecidas nas praças da Gentilândia reforça o caráter democrático desses espaços, permitindo a socialização mesmo entre aqueles com menor poder aquisitivo.

Ainda na seara dos pontos fortes, a fala do Entrevistado 2 destaca o fato de que as praças da gentilândia, por serem ambientes que favorecem as festas, a socialização e o lazer, acabam por atrair um público jovem: “naquela época, ali de universidade e tudo mais, era um fator positivo pra mim [...] o pessoal que gosta de festa, gosta de bebida e tudo. Então, o público jovem normalmente se sente muito atraído ali naquelas regiões, né?”. Esse aspecto festivo das

praças revela a construção de uma identidade juvenil associada a esses espaços. As praças da Gentilândia funcionam como pontos de encontro informais, que favorecem tanto os encontros espontâneos quanto os eventos organizados por coletivos culturais e acadêmicos da região.

O ambiente das praças também se relaciona fortemente a momentos importantes e memórias positivas, como encontros com amigos, início de relacionamentos amorosos, festas, dentre outras, o que demonstra o caráter simbólico desse espaço (Silva, 2007). O entrevistado 1 relata a praça como palco do início de seu casamento: *“Eu acho que eu conheci minha esposa numa parada de ônibus dali, então eu posso dizer que é uma coisa feliz que eu consegui do Benfica”*. Enquanto isso, o entrevistado 2 traz uma fala sobre os pré-carnavais: *“Então, de momentos bons, né? Eu posso pensar, por exemplo [...] em pré-carnavais. Em que a gente... teve a oportunidade de participar lá. [...] Foi muito bacana”*.

Já para o entrevistado 4, os momentos com amigos e a culinária do ambiente são citados como memórias boas: *“Então, acho que a memória boa que eu tenho é estar todo mundo junto, confraternizando ali nas mesas, comendo na praça”*. Esses relatos evidenciam como essas praças funcionam como espaços de construção de memórias afetivas, fortalecendo o vínculo emocional dos frequentadores com o território. As experiências descritas vão além do consumo e do lazer, consolidando as praças como cenários de vivências significativas.

Uma das características mais elencadas dentre os pontos fortes das praças da gentilândia é a diversidade. A entrevistada 5 fala sobre como esse espaço público é um local que acolhe as diversidades: *“[...] eu não sinto essa hostilidade na Praça da Gentilândia. Eu vejo que é um espaço que realmente acolhe muito essas diversidades”*. O entrevistado 2 dissocia a gentilândia do preconceito e da discriminação: *“Então, essas questões de preconceito, discriminação, você não... Você não vê lá [...] é um espaço que recebe pessoas de todos os gêneros, de todas as raças”*.

As praças são reconhecidas como um local de pluralidade, o que coaduna com a diversidade apontada por Pereira (2009). Isso é destacado também pelo entrevistado 7: *“Eu acho que eu poderia definir com uma palavra que é pluralidade. Eu acho que é uma praça extremamente plural e absorve, consegue ali, de certa forma, absorver todos os públicos.”* Essa percepção de diversidade revela o papel social das praças enquanto espaços de convivência democrática. A ausência de preconceito apontada nas falas indica que as praças da Gentilândia funcionam como territórios de inclusão social e de expressão de diferentes identidades, sobretudo de grupos historicamente marginalizados.

Durante as observações nas praças, foi possível notar a presença de estabelecimentos diversos (como bares, *foodtrucks*, vendas de açaí, espetinhos, dentre outros). Ao analisar os valores cobrados, notoriamente mais baixos que aqueles costumeiramente praticados em outros locais da cidade, foi possível confirmar as afirmações presentes nas falas de diversos entrevistados acerca da atratividade dos preços praticados pelo comércio local. Além disso, no que se refere aos conceitos de diversidade e inclusão, percebeu-se a convivência de públicos bastante diversos, convivendo e fazendo uso dos espaços das praças o público LGBTQIA+, casais heterossexuais, pessoas negras, pardas e brancas, de diversas faixas etárias.

4.5 Aspectos singulares

As praças da Gentilândia são percebidas pelos entrevistados como espaços com características singulares que as diferenciam de outros locais públicos da cidade. Dois dos principais aspectos apontados foram: a característica histórica das praças e a direta influência que as universidades no entorno têm sobre elas.

Tratando inicialmente dessa dimensão histórica, é possível notar que ela é amplamente reconhecida pelos entrevistados, ao colocarem as praças como espaços que preservam a memória e a identidade do bairro Benfica.

O reconhecimento das raízes históricas do Benfica e das praças fica muito claro analisando a fala do entrevistado 7: *“Eu acho que eu me senti muito honrado de estar falando sobre um espaço público tão importante para a nossa cidade, de tanta tradição, de tanta história, né?”*. Em outro momento de sua fala, ele reconhece esse espaço público como um patrimônio de Fortaleza: *“Então, a gente tá falando de algo que é um patrimônio da cidade, um patrimônio daquela região”*.

A entrevistada 3 discorre sobre esse assunto, também tratando o Benfica como um bairro histórico: *“[...]Por isso que eu digo que é histórico [...] um bairro histórico na história de Fortaleza”*. A mesma entrevistada, em outro momento, aborda aspectos que, em sua visão, justificam essa importância histórica, elencando festas tradicionais, muitas das quais são organizadas pelos moradores da região:

Aí outras praças, assim, não remetem a essa cultura, desse resgate da história de Fortaleza. Eu acho que o Benfica tenta resgatar mesmo. Tem muitas festas, né? Tem as festas juninas, tem as festas de carnaval, né? Os moradores, mesmo ali, né? Organizam os blocos. Então, estão resgatando a cultura né? Da história da cidade...

Tudo isso coaduna com as raízes de tradição, memória e cultura que estão presentes nos moradores da região (Pereira, 2009). Durante a observação, foi possível captar elementos de uma cultura mais tradicional, como a feira de alimentos, que ocorre aos sábados e domingos pela manhã, onde são comercializados produtos diversos, como frutas, carnes, ovos, doces, temperos, dentre outros. O público que frequenta é quase inteiramente pertencente à terceira idade. Além disso, boa parte dos feirantes e clientes já se conheciam. Notou-se que, ao redor da praça onde ocorre a feira, pessoas se aglomeravam para ver o movimento, conversar e interagir. O evento, para além da dimensão comercial, carrega traços simbólicos e fortalece as relações culturais entre feirantes, clientes e moradores.

Ainda na seara dos aspectos históricos das praças que são representativos para seus frequentadores, destaca-se a fala do entrevistado 4, que pontuou sobre as casas antigas e o público da terceira idade que também está presente: *“Lá, frequenta até gente mais idosa, até porque é uma região que tem muitas casas antigas, então, ainda assim, a grande maioria das pessoas ali são idosas, né?”*. As praças da gentilândia se apresentam como uma representação do bairro, carregando valores e dimensões históricas que geram pertencimento e são reconhecidas por seus frequentadores.

Dentre os aspectos peculiares e singulares das praças, os mais pontuados pelos entrevistados foram a forte presença universitária e o fato de as praças remeterem à vida universitária. Isso ocorre pelo fato de que a região é cercada por instituições de ensino como UFC, IFCE, UECE, além de algumas escolas. Essa proximidade entre as praças e as universidades influencia diretamente o perfil dos frequentadores e a dinâmica do espaço. Como destacou o entrevistado 1:

Olha, eu acho que tem um peso muito importante é as universidades, porque é uma praça muito próxima da UECE da UFC e do IFCE. Então, acho que esse ambiente jovem, esse ambiente acadêmico, ele traz uma série de elementos próprios. Até mesmo essa ideia de diversidade, inclusão, de debate público, cultural, acho que tem muito a ver com o ambiente universitário

Além disso, as universidades influenciam diretamente a vocação da praça como um espaço de encontro e socialização. Como ressaltado pela entrevistada 5: *“Eu acho que se não houvesse tantas faculdades pelos arredores, com certeza o público que frequentaria a praça seria outro”*. Ela conclui que as praças configuram-se como esses espaços de socialização do público universitário: *“[...] hoje, para mim, a finalidade da Gentilândia é ser um local de*

encontro [...] dessas pessoas mesmo que são mais... Que gostam mais de viver essas experiências mais livres, mais libertinas, digamos assim."

A presença das universidades também impacta diretamente na economia local e no tipo de comércio existente. O entrevistado 1 lança luz sobre essa questão:

Quando você tem uma universidade dessa, você tem um estudante querendo morar próximo, você tem uma banquinha querendo... Querendo abrir pra poder servir, a galera que vai pra universidade, alguma comida, alguma coisa do tipo. Então é um canto que passa muita gente, é um canto muito central, que passa muita gente. Isso, sim, modifica a dinâmica econômica mesmo do bairro, até os horários

Há também a percepção de que o público não é formado apenas por universitários locais, mas também por pessoas de outras regiões da cidade que se deslocam até a Gentilândia em virtude do ambiente que é considerado atrativo, segundo defende o entrevistado 2: *"outros universitários... de outras faculdades que não necessariamente estão ali na proximidade, mas acabam indo para lá também, porque é um público similar [...] as universidades próximas [...] ajudam, né, a Gentilândia a pulsar."*

Existe a compreensão de que, sem a presença de universidades, a praça sofreria impactos em relação ao público que frequenta, no comércio e até em questões culturais e políticas, como na fala do entrevistado 7: *"se a gente, por exemplo, excluísse o polo estudantil dali, eu acredito que a praça perderia muito [...] em relação a frequentadores, movimentação de economia, [...] questão de protestos, de manifestações"*.

Além disso, os entrevistados também ressaltaram aspectos simbólicos, afetivos e culturais que associam diretamente esses espaços à vivência estudantil e à memória universitária. As falas evidenciam como as praças da Gentilândia são percebidas como extensões da experiência universitária, indo além do simples espaço físico, como pontua o entrevistado 2: *"A nostalgia que vem inicialmente era do momento ali de pré-universitário, né? Aquele momento ali que a gente vive, que é realmente um momento único na nossa vida"*. Em outra fala, o entrevistado 2 discute a descontração pós-prova no ambiente das praças, associando-os à vida universitária: *"lembro de momentos também pós-prova, né. Que você já tá mais cansado e tudo, aí vai lá pra poder tomar uma cerveja e distrair lá com o pessoal"*.

Holanda (2015) comenta sobre o Benfica, referindo-se a ele como um bairro universitário. Viana (2009) destaca a proximidade da UFC e como seus campi tomam boa parte da região da Gentilândia. As observações mostraram que a presença de universitários é elevada nas praças. A imagem de estudantes sentados pelos bancos em grupos conversando sobre trabalhos, provas e outros elementos da rotina universitária foi avistada algumas vezes.

Notou-se alguns estudantes saindo da residência universitária da UFC, em frente à praça João Gentil, em direção a alguns dos estabelecimentos situados na praça para comer ou beber alguma coisa. Na parada de ônibus também foi possível avistar muitos estudantes com mochilas nas costas aguardando o transporte público. Alguns outros optavam por utilizar as bicicletas compartilhadas da prefeitura, já que existe uma estação na praça João Gentil. O fluxo de estudantes foi percebido também na sexta-feira à noite, alguns aparentemente saindo da universidade e passando para comer ou beber com amigos nas praças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como os frequentadores das praças da Gentilândia percebem e vivenciam a presença universitária na dinâmica desses espaços públicos. Com base em entrevistas semiestruturadas e observações não participantes, foi possível atingir plenamente os objetivos propostos, ao caracterizar o perfil dos frequentadores das Praças da Gentilândia, e também, ao identificar as percepções dessas pessoas acerca da presença universitária no cotidiano desses ambientes. Foi possível, ainda, descrever a vivência

dos frequentadores nas atividades sociais e culturais realizadas nesse espaço, captando assim, os significados atribuídos às praças por diferentes perfis de usuários.

Os resultados revelaram que as praças da Gentilândia são marcadas por uma diversidade de públicos, tendo como principal característica a forte influência da presença universitária na sua configuração cotidiana. Estudantes, moradores locais, idosos, atletas, grupos culturais, dentre outros públicos, compartilham esse território urbano, reforçando seu caráter democrático e multifuncional. O espaço é percebido como lugar de convivência, lazer, memória afetiva e expressão identitária.

Entretanto, também emergiram desafios relevantes, como a percepção de insegurança, a presença de usuários em situação de vulnerabilidade social, o uso de drogas e a ausência de manutenção adequada por parte do poder público. Esses aspectos revelam a ambivalência dos espaços públicos: ao mesmo tempo em que promovem integração social, também espelham desigualdades urbanas e fragilidades estruturais.

Como limitação, destaca-se o recorte territorial e temporal da investigação, concentrada em um único espaço e em um período específico. Para estudos futuros, sugere-se ampliar a investigação para outras praças urbanas com diferentes perfis socioespaciais e aprofundar a análise interseccional dos públicos frequentadores, considerando recortes de gênero, raça, geração e classe social. Além disso, seria relevante explorar comparativamente praças em regiões com menor presença de instituições de ensino, a fim de identificar como a ausência da vida universitária impacta os modos de apropriação desses espaços.

Em síntese, a pesquisa evidencia a importância das praças como territórios vivos e simbólicos da cidade, reforçando a necessidade de políticas públicas que valorizem não apenas sua infraestrutura física, mas também sua dimensão social, afetiva e cultural. As Praças da Gentilândia se mostram, assim, como um espaço de experiências coletivas e de possibilidades para o fortalecimento da cidadania e da vida urbana democrática.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Márcio Moutinho; OLIVEIRA, Leonel Gois Lima; AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco; GONZALEZ, Rafael Kuramoto. Qualidade em Pesquisa Qualitativa Organizacional: tipos de triangulação como alternativa metodológica. **Administração: Ensino e Pesquisa**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 66–98, 2018. DOI: 10.13058/raep.2018.v19n1.578. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/578>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ALVES, Francineuma Gomes. **Ócio e lazer dos residentes do bairro Benfica / Fortaleza-CE**. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

BENEVOLO, Leonardo. História da idade. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Fundação Franklin Cascaes, 1995.

COSTA, Maria Clélia Lustosa da. Fortaleza - expansão urbana e organização do espaço. **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.

DA SILVA, Saulo Rondonelli Xavier; LACAY, Marino Castillo; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. PERCEPÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO: entre a reputação online e a compreensão dos visitantes e visitados na praça Santos Andrade, Curitiba-Brasil. **Marketing & Tourism Review**, disponível em <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/mtr/article/view/4666> (acesso 12 maio 2020), 2018.

DE SOUSA, André Luís Santos; MELLO, Márcia Maria Couto; SILVA, Ana Licks Almeida. Apropriação do espaço público: as praças contemporâneas, trabalho e lazer. **RUA**, v. 28, n. 2, p. 451-473, 2022.

ECKER, Vivian Dall'Igna. O conceito de praça e a qualidade da paisagem Urbana. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020.

FRENZEL, Vivian Blödorn; ROSO, Luciana; GALLI, Leonardo. Considerações sobre as áreas verdes através do olhar dos frequentadores da Praça Coronel Pedro Osório – Pelotas/RS. **Revista Thema**, v. 17, n. 3, p. 711-725, 2020.

HOLANDA, Arlene. Benfica. Fortaleza: Secretaria de Cultura de Fortaleza – Secultfor, 2015. 80 p. (**Coleção Pajeú**). ISBN 978-85-420-0585-1.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 65-91, 2010.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha et al. Um passeio no espaço e no tempo: o desvelar da identidade da cidade de Fortaleza através da antropologia visual. **Colóquio Internacional sobre Poder Local**, v. 10, 2006.

LACERDA, Carlos César de Oliveira; SANTOS, Ana Cristina Batista dos. Nadou, Nadou e Morreu na Praia? Representações Discursivas sobre a Utilização do Espaço Público da Orla em Metrópoles. In: X ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD - EnEO, 10., 2019, Fortaleza. Anais do X Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD - EnEO.

LAMAS, José M. Morfologia urbana e desenho da cidade. (**No Title**), 1993.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed., 2. reimpr. São Paulo: Centauro, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. 407 p.

MORIGI, J. de B. Espaços públicos e territorialidades: um estudo de caso da Praça Silveira Martins em Bagé – Rio Grande do Sul. **Formação (Online)**, v. 27, n. 50, p. 149-174, 2020.

OLIVEIRA, Kelly C.; NASCIMENTO, Ana Paula B.; RAMOS, Heidy R.; KNISS, Cláudia T.; AQUINO, Simone. Percepção, uso e afetividade de frequentadores de praças públicas na cidade de São Paulo, Brasil. *Journal of Urban Technology and Sustainability*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 11–25, 2019.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. Identidade de lugar no Benfica: Distinção, discurso e divisão simbólica no bairro. **GeoTextos**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 49-66, 2009.

PEREIRA, Ilaina Damasceno; DE OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro. Lugar ou Lugares? A Produção Discursiva de Um Bairro Metropolitano: Benfica (Fortaleza-CE). **Revista GeoNordeste**, n. 2, 2009.

ROBBA, Fabio.; MACEDO, Silva. Soares. Praças brasileiras. São Paulo Edusp, 2003

SANTANA, Daniella Tschöke *et al.* As experiências de lazer na cidade: O cotidiano da Praça de Bolso do Ciclista de Curitiba, Paraná. **Movimento**, v. 25, p. e25093, 2022.

SAUNDERS, Benjamin; SIM, Julius; KINGSTONE, Tom; BAKER, Shula; WATERFIELD, Jackie; BARTLAM, Bernadette; BURROUGHS, Heather; JINKS, Clare. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. *Quality & quantity*, v. 52, p. 1893-1907, 2018.

SILVA, Alzilene Ferreira. Cinema na Praça: sociabilidade e modificações das relações de usos em praças na cidade de Salvador-Ba. 2007.

SILVA, Augusto Rodrigo Bezerra da; ELALI, Gleice Azambuja. A praça da Matriz nas percepções de jovens e idosos: experiências, usos e significados. **Revista de Geografia**, [S. l.], v. 41, n. 3, p. 151–173, 2024.

SILVA, Guilhermina Castro; LOPES, Wilza Gomes Reis; LOPES, João Batista. Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, jul./set. 2011.

VAZ, N. P. La place publique comme espace de communication-La place publique centrale de Florianópolis au Brésil et la place parisienne. **Saarbrücken: Editions Universitaires Europeennes (EUE)**, 2010.

VIANA, Waldiane Sampaio. **Manifestações homofóbicas em espaços públicos: praças da Gentilândia em Fortaleza**. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2009.